

CEDI

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : FSP

CLASS. : 48

DATA : 14 06 86

PG. : A-3

O destino da Amazônia

JARBAS PASSARINHO

Eu, que viajo muito pouco ao exterior, tive a oportunidade de, em um mês, participar de dois congressos: um em Moscou, sem nenhum ônus para o Tesouro brasileiro, e, o mais recente, em Washington, a convite do Senado norte-americano, em delegação presidida pelo presidente do Senado Federal, senador Nelson Carneiro. Na primeira, o ponto alto era a análise da repercussão da "perestroika" (reestruturação) e da "glasnost" (transparência) em todo o mundo, mas um dos temas era a defesa do meio ambiente. Presidiu a mesa que tratou do assunto o doutor Vorontsov, cuja tese de doutorado foi sobre a América do Sul. Para surpresa minha, ele afirmou que os desenvolvidos, assim como pagavam pela madeira importada, deveriam, em sinal de boa vontade, pagar pelo oxigênio que respiravam, produzido pelas florestas tropicais. Constrangido embora, fiz-lhe ver que a floresta amazônica, a maior do mundo, não "exportava" oxigênio, pela simples razão de que, no ciclo de 24 horas, o oxigênio produzido durante o dia era neutralizado à noite, pela produção de gás carbônico. Não havia, pois, um superávit para enviar para a atmosfera terrestre, o que eu lastimava, pois do contrário a tese do doutor soviético bem que poderia render-nos no mínimo US\$ 1 bilhão.

Já a conferência de Washington foi constituída de cientistas bem mais informados. Nenhum deles ignorava que a Amazônia não era "o pulmão do mundo". Mas as 34 nações representadas deliciaram-se com o inglês fluente do secretário brasileiro do meio ambiente, o sr. Lutzenberg, aplaudindo-o ardentemente ao fim de sua palestra. Sobre ela é que peço a nossa reflexão, como "povo da floresta", como agora resolveram nos apelidar, ainda que ninguém chame os mineiros de "povo montanhês", o carioca de "povo litorâneo" ou o gaúcho de "povo das coxilhãs".

A preparação do congresso sobre meio ambiente foi indiscutivelmente primorosa: pontualidade, forte carga de trabalho com pouco tempo para lazer, conferências de renomados cientistas, seguidas de debates, projeções de filmes e até, no museu do espaço, uma entrevista com um astronauta, a revelar como viu a Terra e como a inexistência da força da gravidade lhe permitiu servir-se do banheiro...

Os ambientalistas, que preponderavam entre as centenas de parlamentares presentes, consagraram o discurso do sr. Lutzenberg, que, em resumo, foi uma crítica severa aos países desenvolvidos (ele prefere chamá-los de "mis-developed", em jogo de palavras), que teriam edificado uma civilização equivocada, baseada no pensamento judeu-cristão, material em si mesmo. Se hoje temos 300 milhões de automóveis circulando, disse ele, a continuar essa civilização, teremos em breve sete bilhões de carros, o que é "impensável"! O secre-



tário quer uma redefinição de desenvolvimento e a sua subordinação à ecologia. Ouvi-lo, para mim, foi como ouvir o chefe de uma nova igreja, a que substitui o antropocentrismo cristão-judaico, pela adoração da mãe-natureza, a ser defendida de todo e qualquer tipo de agressão. Em suas próprias palavras: "Nós devemos aprender a olhar o mundo de um modo holístico e sistêmico." Entendo que seja algo a ver com o holismo, de Teilhard de Chardin, pois não encontro tradução para o vocábulo "holistic", em inglês, que ele utilizou em seu texto.

Holismo ou não, o fato é que devemos, os amazônidas, perguntar o que seria de nós se as idéias do secretário vierem a transformar-se em lei. Ele é contra a planta de alumínio, que segundo sua crítica só serve para "fazer latas de cerveja"; discorda do Projeto Carajás, porque não levamos em conta "a demolição da montanha"; combate as hidrelétricas pelo mal que causam ao inundarem as matas; tem horror à pecuária e treme de indignação com a presença de madeireiros. Para ele, "os administradores públicos e os economistas vêem progresso onde na verdade existem perda e sofrimento". A perda é da floresta; o sofrimento, especialmente, dos índios. Agora refletamos juntos, já que sei ter o sr. Lutzenberg, entre nós, vários adeptos, embora com variação no grau de concordância com ele. Se tomarmos a usina de Balbina por um exemplo de como a floresta pode ser agredida sem que haja uma contrapartida aceitável, e em consequência impedirmos a construção de novas hidrelétricas, deixaremos de utilizar cerca de 100 milhões de quilowatts, que gerariam milhares de novos empregos diretos e a criação de muitos parques industriais, para beneficiarem recursos naturais abundantes. Quando ele pensa que Tucuruí só serviu para "fabricar latinhas de cerveja", não lhe ocorreu examinar a radical mudança de Barcarena, que hoje é o segundo maior contribuinte de ICM e se transformou em pólo de desenvolvimento, e menos ainda na eletrificação de muitos municípios paraenses, antes, como a própria cidade de Belém, servidos por energia poluente de origem térmica, insuficiente e incon-

fiável. Quando ele quer manter incólume a montanha de hematita da serra de Carajás, esquece-se das divisas que estamos gerando, dos empregos que estamos proporcionando e até mesmo do primoroso trabalho de defesa do meio ambiente que lá se estabeleceu. Para adorarmos a mãe-natureza, devemos deixar intocadas as jazidas de ferro (dez bilhões de toneladas), de bauxita, de cobre, de níquel, de ouro e de tudo o mais que torna Carajás talvez a maior província metalo-genética do mundo. Quando reclama contra a exportação de madeira de lei, prega a intocabilidade da floresta, que pode e deve ser explorada de maneira racional, o que desde logo, é claro, não se compatibiliza com a devastação causada pelas serrarias clandestinas ou com os métodos destrutivos que devastaram o sudeste da Ásia.

Agricultura, silvicultura, mineração pecuária, extrativismo vegetal, pesca interior (fluvial), tudo isso pode ser feito de modo a conservar a Amazônia e atender as suas diversas vocações, na biodiversidade a que se referiu, com seu talento de sempre, o professor Samuel Benchimol. Já a adesão ao pensamento do sr. Lutzenberg corresponde a deixar que a "última página de gênese", como à Amazônia apelidou Euclides da Cunha, permaneça imutável, os "povos da floresta" com suas tabas e palhoças iluminadas à noite por lamparinas, vivendo da pesca e do extrativismo clássico, que inclui a borracha, sem competitividade com a asiática, e a castanha-do-Pará (ou já agora castanha-do-Brasil) para servir de sobremesa dos desenvolvidos.

Jamais defendi a devastação da floresta em nome de um equivocado conceito de desenvolvimento, que melhor seria chamar de mero crescimento, mas não consigo ser adepto, e muito menos pregador, da nova igreja ambientalista que parece ter no sr. Lutzenberg o seu guru. Em matéria de "berg", prefiro o "golden", que tem os pés no chão e invejável cabeça despovoada de preconceitos e utopias.

JARBAS PASSARINHO, 69, senador da República (PDS-PA), foi governador do Estado do Pará, ministro do Trabalho (governo Costa e Silva), da Educação (governo Médici) e da Previdência Social (governo Figueiredo).